

CADERNO PEDAGÓGICO PARA PROJETOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR DIFERENCIADA E INTERCULTURAL:

A produção do Guia Turístico Local nas Escolas Municipais
Martin de Sá, na Praia do Sono, e
Cajaíba, no Pouso da Cajaíba, Paraty-RJ.

**COLETIVO DE APOIO À EDUCAÇÃO DIFERENCIADA DO FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS:
ANGRA DOS REIS, PARATY E UBATUBA**

Organizadores:

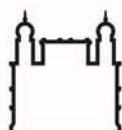
Licio Caetano do Rego Monteiro, Domingos Barros Nobre e Mara Edilara Batista de Oliveira

Autores:

André Barros, Domingos Barros Nobre, Iaci Sagnori de Mattos, Indira Alves França,
Licio Caetano do Rego Monteiro, Luiz Gonzaga Ribeiro Neto, Mara Edilara Batista de Oliveira,
Nelza Galosse e Rita Rocha.

Este Caderno Pedagógico tem como objetivo registrar e divulgar o trabalho realizado pelos professores de segundo segmento das escolas municipais Pouso da Cajaíba e Martins de Sá (Praia do Sono), em Paraty (RJ). Diversas atividades foram desenvolvidas com os alunos e professores tendo como fio condutor a elaboração de um guia turístico do lugar em que as escolas estão situadas, um guia feito pelos próprios alunos, a partir das atividades desenvolvidas no período letivo. Este projeto faz parte de um processo de reorientação curricular em curso nessas escolas. O registro aqui apresentado busca contribuir com sugestões de trabalho baseadas numa experiência de currículo interdisciplinar pela via da rede temática e da pedagogia de projetos.

Os organizadores



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Caderno pedagógico para projetos de Educação Escolar Diferenciada e Intercultural:

a produção do Guia Turístico Local nas Escolas Municipais Martin de Sá, na Praia do Sono, e
Cajaíba, no Pouso da Cajaíba, Paraty-RJ

Apresentação	4
1. Uma reorientação curricular pela via das redes temáticas e da pedagogia de projetos.....	5
2. Cartografia Social: reconhecimento e representação do espaço vivido.....	8
3. Fotografia: um exercício do olhar.....	12
4. Reescrita coletiva com pesquisa: o texto como elemento fundamental para o aprendizado da língua	16
5. Trazendo os saberes da comunidade para dentro da escola	21
6. A pesquisa da realidade local: tratamento da informação em números, gráficos e textos	26
Índice das ilustrações	30

Apresentação

Este Caderno Pedagógico tem como objetivo registrar e divulgar o trabalho realizado pelos professores de segundo segmento das escolas municipais Pouso da Cajaíba e Martins de Sá (Praia do Sono), em Paraty (RJ), Iaci Sagnori e Nelza Galosse (em 2016 e 2017), Marlon Adriano (2016) e Dalton Castro (2017). O projeto pedagógico "Guia Turístico Local" foi o terceiro realizado em 2016, depois dos projetos "Quem sou eu?" e "Cultura caiçara". Começou em outubro de 2016 e se concluiu em abril de 2017. Foram cinco meses de trabalho em sala de aula. Diversas atividades foram desenvolvidas com os alunos e professores tendo como fio condutor a elaboração de um guia turístico do lugar em que as escolas estão situadas, um guia feito pelos próprios alunos, a partir das atividades desenvolvidas no período letivo. Este projeto faz parte de um processo de reorientação curricular em curso nessas escolas. O registro aqui apresentado busca contribuir com os professores das redes pública e privada com sugestões de trabalho baseadas numa experiência de currículo interdisciplinar pela via da rede temática e da pedagogia de projetos.

Iniciar o segundo segmento do Ensino Fundamental nas escolas de comunidades caiçaras localizadas na zona costeira de Paraty tem sido um desafio trabalhoso, mas gratificante. Até 2015, no Sono e no Pouso, só havia escolas de primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Os alunos concluintes do 5º ano tinham que interromper os estudos ou se mudar para a cidade para dar prosseguimento à vida escolar. A conquista da possibilidade de permanecer no território e continuar na escola foi fruto de uma luta de vários anos feita pela comunidade, através de suas associações de moradores e do Fórum de Comunidades Tradicionais e seus parceiros. Desde 2016, a abertura das turmas de 6º ano, que seguiram para o 7º em 2017, só foi possível com a introdução de uma nova proposta pedagógica, que se caracteriza pela multidisciplinaridade e pela educação diferenciada e intercultural, buscando uma aprendizagem significativa através dos projetos de ensino que trazem para dentro da escola diversos aspectos da cultura caiçara e do território.

Uma construção de tamanha complexidade não seria possível sem a confluência de diversos atores: o compromisso da Secretaria Municipal de Educação em abrir os Anos Finais na zona costeira, a dedicação e o empenho das professoras e professores das escolas com o projeto e com os alunos, a presença atuante da comunidade, das mães e pais, bem como da Associação de Moradores, a luta do Fórum de Comunidades Tradicionais pela educação diferenciada e a presença das instituições públicas parceiras nessa luta.

Começar a escola foi um passo importante, mas ao longo do ano letivo é importante fazer a escola acontecer, viabilizando a formação dos professores e o desenvolvimento de novas metodologias de ensino que possibilitem interagir com a riqueza cultural e territorial das comunidades caiçaras. É nesse contexto que o Programa de Apoio à Formação de Educadores, promovido pelo Instituto Oju Moran, possibilitou ampliar o alcance do trabalho que já vinha sendo realizado, através do edital que atendeu à demanda do Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada.

Os textos aqui apresentados foram escritos a partir da interação entre os professores, os oficinairos e a assessoria pedagógica do IEAR/UFF. Cada capítulo traz a marca da autoria daqueles que o escreveram, mas também o acúmulo de trocas existentes nos diferentes momentos de trabalho e formação. Apesar das especificidades de cada atividade, buscamos fazer uma revisão geral para dar um formato comum aos capítulos, de modo a facilitar a compreensão. Os textos trazem uma breve introdução sobre a atividade, para contextualizá-la no âmbito pedagógico, a descrição da atividade realizada nas escolas do Sono e do Pouso, algumas sugestões complementares de atividades e referências bibliográficas para o aprofundamento do tema, além de um anexo ilustrativo.

Este Caderno Pedagógico resume os caminhos possibilitados por essa parceria, relatando o trabalho das oficinas realizadas e das atividades formativas envolvidas na produção do Guia Turístico Local. Difundir essa experiência é uma forma de compartilhar com toda a rede escolar de Paraty que uma educação escolar diferenciada e intercultural é possível e está em curso no município.

Os organizadores

1. Uma reorientação curricular pela via das redes temáticas e da pedagogia de projetos¹

A implantação do II Segmento do Ensino Fundamental nas praias do Sono e do Pouso está sendo realizada por meio de um Acordo de Cooperação Técnica entre Secretaria Municipal de Educação de Paraty (SME) e o Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR-UFF), sob orientação dos professores Domingos Nobre, Mara Edilara de Oliveira e Licio Monteiro. A implantação de um currículo interdisciplinar e diferenciado, por meio de metodologia de rede temática e da pedagogia de projetos, está sendo um desafio para os professores, que participam de um programa de formação continuada coordenado pelo IEAR/UFF, quando é elaborado coletivamente o planejamento e feito o acompanhamento das atividades realizadas. A equipe docente é composta por 3 professores, cada um responsável por uma grande área de conhecimento, que se revezam entre as duas escolas.

O trabalho pedagógico foi dividido em duas etapas: estudo de uma nova visão das áreas (etapa I) e elaboração de projetos pedagógicos baseados em rede temática com temas geradores extraídos do diagnóstico (etapa II).

Na Etapa I, foram realizados ao longo da formação continuada seminários de estudo estruturados em torno de quatro eixos (Nobre, 2015), num processo de reorientação curricular (recuperando os “Movimento de Reorientação Curricular”, ocorridos nos anos 1990 em diversas redes municipais de Ensino, após as primeiras experiências democráticas de gestão nos Estados pós-1988), voltado à construção uma nova visão das áreas, a partir de quatro estudos teóricos, descritos no Quadro 1.

Na Etapa II, ocorreu a elaboração de projetos pedagógicos baseados em rede temática, uma metodologia que une a pedagogia de projetos (Hernández) à pedagogia de rede temática/temas geradores (Freire). Nesta etapa, o primeiro passo foi a elaboração de um Instrumento de Diagnóstico Sócio Cultural para a Rede Temática: um questionário sócio-cultural. Ele foi elaborado pela equipe (professores das escolas e da UFF), a partir de um levantamento feito junto com a comunidade sobre Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças ao projeto educativo da comunidade (técnica da FOFA). Também houve visita nas comunidades para matrícula dos alunos, e, num segundo momento, para acolhimento das turmas, momento em que foi aplicado o questionário junto aos alunos, com a participação de membros da SME, professores e universidade.

O segundo passo da Etapa II foi o exercício de elaboração da rede temática a ser usada nos projetos ao longo dos dois primeiros anos. A rede é extraída dos termos e preocupações mais recorrentes nos questionários aplicados e na FOFA. É feito um levantamento de palavras-conceito com forte sentido para o mapa simbólico sócio-cultural da turma. E, assim, são escolhidos os temas geradores. Por fim, há um recorte de tema da rede (um Bloco Temático) para o planejamento de um projeto pedagógico, que pode ser mensal, bimestral ou semestral. Seus eixos centrais ou temas geradores de primeira ordem foram: organização social/família, cultura caiçara, praia e território.

¹ Texto elaborado por Domingos Barros Nobre e Indira Alves França.

Quadro 1. Estudos teóricos como ponto de partida da reorientação curricular para uma educação diferenciada

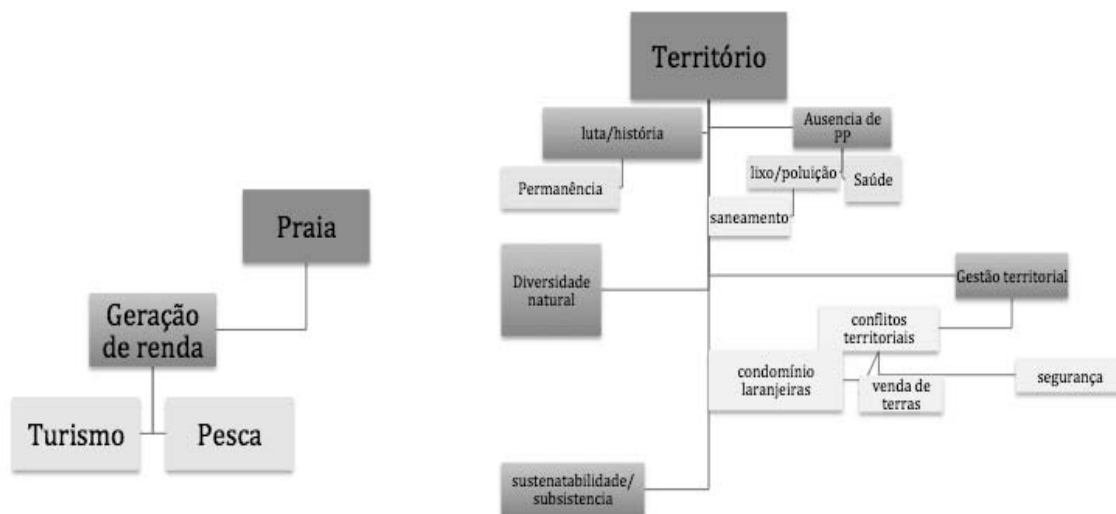
1) Epistemologia de cada Disciplina/Área
Conhecer a epistemologia da área/disciplina permite ao professor reconhecer o processo histórico social de construção da formação discursiva (Foucault, 1970) que estrutura o campo de conhecimento da disciplina contemporaneamente.
2) Tendências Pedagógicas no ensino das áreas/disciplinas
Conhecer as tendências pedagógicas que envolvem a área/disciplina, por sua vez, permite ao professor reconhecer elementos de sua prática pedagógica que se enquadrem ou não nas Pedagogias Liberais ou Progressistas que permeiam o ensino, e fazer opções numa perspectiva curricular autônoma e crítica.
3) Conceitos Integradores/Unificadores de cada Área
Estudar os conceitos integradores de cada área/disciplina possibilita ao professor distinguir o rol de conhecimentos essenciais daquilo que são apenas conteúdos programáticos de uma grade curricular, portanto acessórios. Conceitos integradores são como a categoria marxista de totalidade no processo de produção dialético do conhecimento, para o Currículo. São macro-conceitos, supradisciplinares (Angotti, 1991), como um tipo de totalidade epistemológica de conhecimento, em cada área, que acompanham a trajetória de escolaridade do aluno da Educação Infantil à Universidade, constituindo-se no tipo essencial de conhecimento que deve ser construído no currículo, em oposição aos conteúdos escolares, restritos, fragmentados e culturalmente determinados. Não se confunde, portanto, com os conteúdos programáticos das listas de programas curriculares, mas sim são conceitos fundamentais que abarcam diversos outros derivados dele, que vão se complexificando à medida que o aluno avança nos estudos. São exemplos de conceitos unificadores: Espaço, Território e Territorialidades, para a Geografia; Tempo e Temporalidades, para a História; Transformações, Regularidades, Energia e Escala, para as Ciências; Admirar, Produzir e Refletir, em Artes; Ler, Escrever e Produzir Conhecimentos Linguísticos, em Língua Portuguesa, Língua Guarani (ou Língua Indígena) e Língua Estrangeira Moderna; Corpo, Lazer e Esporte, em Educação Física.
4) Princípios da Educação Diferenciada
Valorização da cultura local (caiçara), protagonismo comunitário, interação entre saberes formais e populares, defesa do território e emancipação política.

No desenvolvimento da proposta, a equipe envolvida tem buscado trabalhar o desenvolvimento do currículo por meio de atividades concretas e significativas para os alunos. O último projeto pedagógico do ano de 2016 foi a construção de um Guia Turístico Local. Por meio desse projeto foi possível explorar diferentes conteúdos programáticos curriculares, em todas as disciplinas do segundo segmento.

Para ampliar as possibilidades de formação, e assim enriquecer o projeto pedagógico, o Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada construiu uma proposta para o edital do Instituto Oju Moran 2016, cujo objetivo era capacitar professores, jovens e comunidade local a desenvolverem um projeto de educação diferenciada caiçara. Partimos do pressuposto de que qualquer projeto de educação diferenciada deve ser construído através do envolvimento da comunidade, da troca de saberes e do vínculo dos conteúdos programáticos com a realidade local. Assim, propusemos ações que buscavam complementar o processo de formação dos professores do segundo segmento do Ensino Fundamental, envolver os mestres locais na inclusão dos saberes tradicionais na escola, estimular jovens, mães e pais de alunos a tomarem para si a escola como fortalecimento da cultura, do território e da sustentabilidade do modo de vida caiçara. Por fim, ainda havia o propósito de

promover atividades de formação com a participação de professores, educadores populares e licenciandos de Paraty que não atuavam nas escolas.

Assim, foram propostas e realizadas, em ambas as comunidades, oficinas de formação para o uso da cartografia social e da fotografia nas atividades de ensino realizadas nas escolas. E também oficinas conduzidas por mestres locais sobre saberes tradicionais a serem apropriados pela comunidade escolar (bordado, cestaria, agroecologia, permacultura). Além disso, buscamos proporcionar recursos pedagógicos, equipamentos e capacitação técnica para a produção de materiais didáticos específicos, como será descrito em seguida. Este caderno pedagógico é resultado direto dessa experiência e visa dar prolongamento a essa formação, sintetizando seus principais elementos.



Blocos temáticos "Praia" e "Território", que compõem a rede temática produzida na atividade de formação e acompanhamento pedagógico em março de 2016, pelos professores envolvidos na formação orientada pelo IEAR/UFF. Os principais eixos da rede temática foram: organização social/família, cultura caiçara, praia e território.

Referências bibliográficas e sugestões de leitura

ANGOTTI, J. A. P. *Fragmentos e Totalidades no Conhecimento Científico e no Ensino de Ciências*. Tese de Doutorado. FEUSP. São Paulo. 1991

FOUCAULT, Michel. *La Arqueologia del Saber*. México: Siglo XXI. 1970

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra. Petrópolis. 1974

HERNÁNDEZ, F. & VENTURA, M. *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho – o Conhecimento é um Caleidoscópio*. Artes Médicas. Porto Alegre. 1998

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e Mudança na Educação: os Projetos de Trabalho*. Artes Médicas. Porto Alegre. 1998

NOBRE, Domingos B. *Escolarização Guarani Mbya no Rio de Janeiro: Articulando Ensino, Pesquisa e Extensão Entre Universidade e Escola Indígena*. Artigo apresentado na XI RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul. Montevideu, 2015

2. Cartografia Social: reconhecimento e representação do espaço vivido²

Para se construir um bom guia turístico, um dos pontos importantes é o mapa que o acompanha. Mas esse mapa não pode ser um mapa qualquer, e sim aquele que represente os saberes, a cultura, as formas de vida da comunidade. E que, acima de tudo, seja elaborado pelas pessoas que realmente conhecem e se preocupam com aquelas comunidades, ou seja, os seus próprios moradores.

A proposta de buscar as bases para um turismo comunitário a partir dos jovens e crianças das escolas, dentro de um projeto pedagógico como parte da proposta curricular diferenciada, *para dentro e de dentro* das comunidades caiçaras, abre a possibilidade para a construção de mapas com o uso da metodologia da cartografia social. Com esse objetivo, foi preciso mobilizar os jovens, montar oficinas, iniciar os croquis, as legendas, tudo por dentro da escola, entendida aqui como um espaço em disputa, onde o capital e suas estratégias de reprodução têm se apropriado ao longo de anos em territórios de conflitos, como são as comunidades caiçaras dessa região. Mas que as organizações sociais e comunitárias têm subvertido a ordem do poder do capital e construído ações de contra-poder a partir dos próprios sujeitos dessas comunidades.

Nesse sentido, e sob uma perspectiva da ciência geográfica, a cartografia social pode contribuir significativamente para essa apropriação da escola “desde baixo”, construindo um espaço onde o poder emana dos próprios caiçaras. A partir da perspectiva da cartografia social, se agrega um aspecto concernente à própria forma como o mapa é construído, a metodologia participativa, “onde os próprios sujeitos coletivos, que conhecem e vivenciam os impactos negativos das atividades degradadoras existentes em suas localidades, identificam os conflitos e constroem o mapeamento” (SANTOS, 2012, p. 5).

Descrição das atividades realizadas

As oficinas de cartografia social desenvolvidas nas escolas da Praia do Sono e no Pouso da Cajaíba foram organizadas em quatro etapas.

A primeira etapa foi a sensibilização da comunidade sobre o tema. A sensibilização consistiu em exibir o curta “Correios”, episódio da série “Cidade dos Homens” (o vídeo pode ser encontrado em DVD ou no canal do YouTube). Esse vídeo nos deu elementos para que em seguida apresentássemos as características principais da cartografia social, e o que a diferencia das chamadas cartografias “oficiais”.

Foram elencados para essa apresentação as quatro características principais da cartografia social: 1) ela representa aspectos da realidade das comunidades que não estão representados nas cartografias “oficiais”; 2) é construída pela comunidade de forma coletiva e diante de suas demandas e interesses; 3) é utilizada como um documento pela luta por direitos sociais; e 4) dá ênfase à cultura e aos saberes dos nossos povos e comunidades tradicionais/originários.

Finalizamos a oficina questionando qual a maior demanda/conflito/interesse da comunidade nesse momento, e logo se levantou a questão do turismo desordenado da comunidade. Lançamos

² Texto elaborado por Mara Edilara Batista de Oliveira e Luiz Gonzaga Ribeiro Neto.

então a ideia da construção de um guia turístico construído por eles mesmos, todos concordaram com a proposta e se propuseram a trabalhar com todo o coletivo que se formava: professores, alunos, oficinairos, os professores das universidades, os convidados, etc.

No processo de apreensão e representação do espaço é importante acompanhar a passagem do desenho ao mapa. No desenho, a maioria dos alunos expressa primeiramente uma mistura entre uma visão frontal da paisagem, com as fachadas das casas e construções, e uma visão oblíqua, como uma paisagem vista a partir de um mirante alto. A partir dessa primeira visão baseada na experiência sensorial imediata, é possível se "descolar" do chão para imaginar o espaço visto de cima. Para isso é preciso ganhar um nível maior de abstração, em que as casas se tornam polígonos e as ruas e rios se tornam linhas mais ou menos espessas. Caminhar com a turma até um bom mirante, de onde se possa ver toda a vila, é uma ótima estratégia para estimular o olhar cartográfico - e mirantes não faltam no Sono e no Pouso.

Um exercício prévio à oficina, aplicado pelo professor Marlon, foi o de cada aluno desenhar sua comunidade, ressaltando o trajeto entre a casa e a escola. Nas Figuras 1, 2 e 3 (caderno de imagens), observamos alguns exemplos de desenhos elaborados por alunos, com diferentes estágios na passagem do concreto ao abstrato. Na Figura 1, predomina a visão frontal, as casas coincidem com sua fachada; na Figura 2, a visão oblíqua já se insinua, a área ganha profundidade, enquanto na Figura 3, a visão já é "de cima", como um mapa formal. Os desenhos das casas e construções, numa perspectiva frontal, não são descartados ao longo do processo de passar do concreto ao abstrato, eles são recuperados como símbolos pictóricos sobre a imagem de satélite no mapa final (Figura 7).

A segunda etapa, que se deu na semana seguinte, foi a construção do mapa "croqui" (Figuras 4 e 5). Elencamos no quadro os lugares que as crianças conhecem e compreendem como pontos turísticos que eles gostariam de mostrar para as pessoas que eles recebem em suas comunidades. Construímos uma tabela com esses pontos e, após o consenso entre todos de que esses seriam os pontos a serem colocados no mapa para o guia turístico, iniciamos a produção de um grande mapa coletivo, desenhado à mão e em cartolina pelas crianças e jovens da escola. Este mapa dava destaque aos pontos turísticos, mas também representava toda a comunidade a partir dos seus olhares. É importante destacar essa etapa de construção de um único mapa de forma coletiva e não cada um com seu mapa, pois é a discussão de forma coletiva sobre quais são e como os elementos devem estar representados no espaço por meio do mapa que caracteriza um mapa social. Entretanto, esse é um processo longo, inclusive não conseguimos concluir o mapa no mesmo dia, e é importante destacar que o primeiro mapa iniciado na oficina pelos alunos nem sempre é o mapa que é entregue ao final. O mapa pode ser refeito quantas vezes as crianças/jovens acharem que são necessárias. No nosso caso, os professores continuaram em determinados momentos de suas aulas retornando ao mapa até ser concluído.

A terceira etapa consistiu na utilização do Google Earth como ferramenta para a construção do mapa para o guia turístico com as crianças em sala de aula, e ocorreu apenas no mês seguinte (Figura 6). Foi o tempo de amadurecimento dos mapas em croqui. Para isso, ainda com acesso à internet, carregamos neste programa a imagem de satélite aproximada das comunidades antes das oficinas (pois nas escolas não havia internet), já em sala de aula reabrimos o Google Earth, viajamos

na ferramenta até as comunidades e exploramos um pouco a imagem de satélite com as crianças fazendo com que elas se localizassem naquele espaço.

O objetivo era marcar os pontos turísticos elencados na oficina anterior. Entretanto, para despertar o sentido de localização e pertencimento àquele espaço, solicitamos que as crianças localizassem a casa deles, depois a escola, em seguida igreja, e assim por diante. Ou seja, a ideia era fazer com que as crianças usassem como ponto de partida a localização dos elementos do espaço que faziam parte do seu dia-a-dia, para depois chegar aos pontos turísticos que nada mais eram, antes da chegada do turismo, espaços de brincadeira, de trabalho ou de reprodução da própria vida dessas pessoas.

As crianças foram aos poucos localizando esses pontos turísticos e indicando os caminhos para se chegar até eles por meio da imagem de satélite. Utilizamos as propriedades da ferramenta para inserir pontos, linhas e polígonos georreferenciados, na imagem de satélite, iniciando a construção do mapa. As crianças escolhiam os desenhos que seriam os ícones dos locais, e assim fomos marcando no mapa. Após simbolizar todos os pontos e trilhas indicadas, “desligamos” os pontos das casas e demais pontos que não tinham interesse para a localização dos pontos turísticos, construímos uma legenda, e demos um título. Com isso, as crianças tinham o mapa da comunidade feito por elas em sala de aula, e agora num sistema de informações geográficas (SIG).

A quarta etapa foi o melhoramento da visualização do mapa. Para uma melhor impressão do mapa salvamos o arquivo do Google Earth e exportamos para um Sistema de Informações Geográficas livre, o Quantum GIS, que possui imagens de satélites mais atualizadas e em melhor qualidade, porém é uma ferramenta mais complexa, que dificulta o seu uso didático em sala de aula. Melhoramos a visualização do mapa, inserindo todos os elementos que o compõem, e voltamos no mês seguinte às escolas para apresentar essa nova versão do mapa. Foi o momento de revisão da comunidade do mapa final. Alteramos algumas trilhas que estavam incompletas e alguns ícones mal posicionados. Obtivemos então a versão final do mapa utilizando novamente a ferramenta mais complexa de SIG, o QGIS, incorporando, por fim, todos os elementos existentes num mapa, como título, legenda, escala, orientação e projeção cartográfica e, de preferência, utilizando os desenhos produzidos pelos alunos, à mão, dos pontos turísticos das comunidades, para que fossem os ícones principais presentes no mapa e na legenda (Figura 7).

Sugestões de atividade para a sala de aula

Atividade 1: Emponderando a comunidade

A aula pode ser iniciada com a exibição do vídeo “Correios”, episódio da série “Cidade dos Homens”, disponível no canal do YouTube. Após a exibição utilize um mapa “oficial” em uma escala que consigam localizar a comunidade a qual pertencem, e questionem: a comunidade se encontra no mapa? Se sim, o tamanho da comunidade no mapa é adequado? Em comparação com as comunidades vizinhas e com as cidades mais próximas, é possível identificar semelhanças e discrepâncias? O mapa comporta os elementos mais significativos que compõem a paisagem da comunidade? Junto com a turma, faça uma lista de quais os elementos que estão no mapa e os que

não estão, mas deveriam estar, segundo a opinião da turma. Em grupos, solicite que as crianças desenhem mapas da comunidade em croquis que comportem os elementos que já estão no mapa oficial e acrescentem em forma de desenho os elementos elencados em turma que não estavam presentes. Observem a diferença entre os mapas e realize um debate com a turma, pode ser explorado o interesse de quem constrói o mapa em dar visibilidade ou esconder processos, pessoas ou objetos em um mapa.

Atividade 2: Explorando ferramentas cartográficas

O Google Earth é uma ferramenta de fácil manipulação e possibilita o trabalho com imagens de satélite no modo off-line, ou seja, sem acesso à internet no momento da aula. Quando estiver conectado na internet, previamente à aula, navegue pela imagem de satélite até a comunidade e deixe a imagem carregar. Em sala, com ou sem acesso a internet, reabra o seu Google Earth e navegue novamente até a comunidade. Discuta com a turma sobre o que elas gostariam de localizar na imagem de satélite exposta (utilize um retroprojetor no quadro), pode ser a infraestrutura local, lugares que as crianças gostam de ir, lugares turísticos, feições naturais, ruas e trilhas. No Google Earth é possível marcar pontos, construir linhas e polígonos para as trilhas, estradas, rios. Ao final a turma terá o seu próprio mapa da comunidade. Deem um título ao mapa e elaborem junto as legendas. O processo de discussão e de escolha do que vai ser colocado no mapa deve ser realizado de forma coletiva, com a participação de toda a turma em um só mapa. A coletividade é um dos principais elementos de cartografias sociais e mapeamentos participativos.

Sugestões de leitura

ACSELRAD, Henri (org.) Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR/ETERN, 2008

RODRIGUES, Fátima da Cruz. Mapas: (Re)Cortes Coloniais. In: O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutorado do CES/ FEUC/ FLUC, No 1, 2006.

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências / Cartografia Social de Trindade: a pesca artesanal da comunidade Caiçara de Trindade (Paraty, RJ) - N. 4, dez. 2016, Manaus: UEA Edições, 2016

SANTOS, Renato Emerson dos. Disputas cartográficas e lutas sociais. Sobre representação espacial e jogos de poder. Paper apresentado no XII Coloquio de Geocrítica, Universidade Nacional de Colombia, Bogotá (2012)

3. Fotografia: um exercício do olhar³

As oficinas de fotografia oferecidas aos alunos das escolas tiveram como objetivo dar suporte à ilustração do Guia Turístico Local. O uso da imagem fotográfica em guia turístico é normalmente o que move e estimula o turista a visitar o local. Para isso, é necessário que a fotografia seja bem produzida e, principalmente, mostre como é o viver local: o ambiente, as belezas naturais, o lazer, a alimentação, as acomodações, a cultura e a história local.

Quando pensamos em turismo, referimo-nos ao movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais habituais de trabalho e residência. Logo, as atividades desenvolvidas durante a permanência do turista num local de destino escolhido devem ter uma facilidade criada para que ele satisfaça as suas necessidades. As fotos do guia deverão ter a relevância de mostrar isso a ele, para que ele tenha o desejo de ir e de voltar numa outra oportunidade.

O outro contraponto da oficina de fotografia foi o fazer a fotografia, usando as técnicas básicas para exercitar o olhar em visão ampla e detalhada do local onde vivem os alunos e do que esse lugar oferece, ressaltando o que para eles pode ser algo comum e sem sentido, mas é exatamente o que interessa a um turista. O aluno precisa entender como fazer uma foto com o seu olhar de morador com todo o seu contexto histórico e cultural local, pois de fato é o que movimenta o interesse do turismo onde vivem.

As oficinas de fotografia tiveram como objetivo principal o exercício de técnicas básicas de fotografia propondo o uso da imagem fotográfica dentro de um contexto de imagem de cinema, para instigar os jovens caixas no entendimento da importância da valorização e preservação da cultura local e do meio ambiente.

Descrição das atividades realizadas

As oficinas tiveram dois momentos em cada escola (em média 12 horas/aula para cada escola, com 4 dias de atividade em cada escola).

Utilizamos as técnicas básicas de fotografia dentro de uma proposta popular de uso do equipamento de câmera de celular, considerando que é o aparelho mais comum entre os alunos. Exploramos os recursos disponíveis em cada aparelho, como iluminação, imagem macro e grande angular da câmera, e os elementos da linguagem, como perspectiva, enquadramento, foco, iluminação, composição, distância focal e posicionamento do fotógrafo. Todas as aulas tiveram também atividades práticas com alguns equipamentos profissionais para estúdio.

Nas duas primeiras aulas falamos dos elementos básicos e fundamentais para se fazer uma boa fotografia. Na primeira aula teórica abordamos: 1) o uso adequado da luz e sua importância; 2)

³ Texto elaborado por Rita Rocha.

enquadramento com o uso da regra dos três terços; 3) posicionamento adequado do fotógrafo com relação a distância focal; 4) composição, de acordo com Cartier-Bresson (Simetria, Regra dos Três Terços, Luz e Sombra, Profundidade de Campo, Padrões).

Para fazer as atividades práticas, dividimos os grupos por temas: Foto Arquitetura, Foto Paisagem, Foto Natureza Morta, Foto Retrato, Foto Esporte, Foto Jornalismo e Foto Gastronomia. Os alunos formaram 7 grupos de 3 componentes, cada grupo foi escolhido para trabalhar um desses segmentos fotográficos. No caderno de imagens, as Figuras 8 e 9 apresentam momentos de atividades em ambiente interno e externo, respectivamente. As Figuras 10 a 15 são exemplos dos temas escolhidos para serem trabalhados em sala de aula.

Quadro 2: Segmentos e sugestões de fotos

Segmentos	Sugestões de fotos
Arquitetura	Construções locais (igreja, casas, restaurantes, esculturas...)
Retrato	Moradores em suas atividades de pesca, fazer rede, artesanato
Paisagem	Cachoeiras, Praias, Trilhas
Gastronomia	Pratos de peixes e alimentos locais
Natureza Morta	Artesanato, instrumentos, canoas
Esporte	Surf, jogos de futebol, vôlei, caiaque
Fotojornalismo	A história retratada de alguma pessoa morador tradicional da praia

A segunda aula foi prática. Eu (Rita) produzi 7 fotos das praias com cada segmento, apresentei aos alunos, para que tivessem uma referência sobre os segmentos e a importância deles para ilustrar o guia turístico. Em seguida saímos a campo pela comunidade, cada grupo seguiu o seu segmento sendo este um desafio, mas os grupos poderiam fazer outras fotos de outros segmentos também, interagindo assim com os outros grupos. A proposta seguinte foi dada em continuidade com os professores, que usaram como tema gerador de suas aulas o guia turístico, utilizando-se dos registros fotográficos nas aulas externas para ampliar a quantidade de fotos.

A terceira aula foi teórica e prática. Analisamos as fotos produzidas pelos alunos e iniciamos o processo de seleção de cada segmento para o material do Guia de turismo. Trabalhamos a edição e a pós-produção das imagens.

A quarta aula foi prática. Os alunos interagiram, em dias diferentes, com as oficinas de bordado e agroecologia e permacultura que estavam acontecendo simultaneamente nas escolas durante o projeto pedagógico em curso. Os alunos fotografaram as atividades utilizando as técnicas fotográficas aprendidas e apropriadas ao longo do exercício. O mais importante foi a reflexão sobre seu espaço cultural, a importância de preservá-lo historicamente e retratá-lo de forma original no fazer a foto, no derradeiro *click* definitivo da imagem.

Mesmos as oficinas tendo uma carga horária pequena, a satisfação do resultado foi muito interessante a partir da motivação dos alunos e da clareza sobre o que fotografar e para que fotos

num guia turístico. Na fotografia, tão importante quanto saber o que fotografar é saber o que não fotografar. Nas palavras de Wim Wenders: “enquadrar não é decidir o que quero mostrar na foto, mas o que quero deixar de fora”.

O enquadramento não segue uma regra clara na composição e cada imagem exige um enquadramento próprio. Fotos que querem mostrar um carro em movimento, por exemplo, tendem a ter um enquadramento bem aberto, mostrando o entorno e qual a direção em que o carro está indo. Retratos tendem a ter um enquadramento mais fechado, dando ênfase à pessoa que está sendo retratada. O ponto de vista do fotógrafo tem uma influência enorme na composição de uma imagem. Fotografias tiradas de um ponto de visão elevado, tendem a diminuir a proporção dos objetos. Do lado oposto, um fotógrafo que tira uma foto de uma pessoa de baixo para cima faz a pessoa parecer maior do que ela realmente é.

A metodologia utilizada na aula explora inicialmente o aprendizado do uso dos instrumentos colocados à disposição dos alunos. Utilizamos luz de reposição, rebatedor de luz, fundo infinito preto, objetos diversos para exercícios de estúdio onde os alunos usaram seus celulares e câmeras digitais simples. Por que cada material foi utilizado?

A *luz de reposição* fazia o papel da luz natural ou mesmo da própria luz artificial, sendo usada na lateral, frontal, de cima para baixo ou na contra-luz. Para que os alunos pudessem ter clareza de que o sucesso da imagem está na quantidade da luz, a luz cria a imagem e a luz natural nunca é igual, sempre se altera em cor e calor, sendo esta mais dura ou mais suave.

O *rebatedor de luz* serviu para o entendimento das sombras produzidas pela luz de acordo com seu posicionamento, o horário do dia sendo natural e a intensidade que causa sombras muito marcantes, quentes, cores sem espessuras ou sombras longas.

O *fundo infinito* permitiu pensar no enquadramento da foto em relação ao limite de objetiva que se possui e na proposta de limitar o que se quer fotografar. É um exercício onde o fotógrafo deve se posicionar ao fotografar, para onde apontar a câmera, como enquadrar uma imagem, fatiar algumas partes da cena, colocar as coisas em ordem, enfim, o fotógrafo precisa aprender a decidir onde colocar o principal motivo dentro do seu quadro.

Os *objetos diversos*, como artesanatos, lápis, flores, vasos, frutas, etc. foram usados para ser feita a devida composição deles antes de serem fotografados. Esse exercício sugere o arrumar a cena, a busca de escolhas adequadas para abrihantar a imagem, observar antes de fazer uma fotografia o que está ao seu redor e que não compõe adequadamente a imagem, prejudicando sua beleza e o ponto focal do objeto. Nessa atividade, é possível exercitar o olhar, o que é um ponto culminante para um bom fotógrafo - é aquele que registra o que olha num ângulo adequado e propício ao belo.

Cartier-Bresson dizia que a “fotografia é o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, da significância de um acontecimento, bem como de uma organização precisa de formas que dão a esse acontecimento sua expressão adequada. (...) Existe um assunto em tudo o que acontece no mundo, bem como em nosso universo pessoal. (...) Em fotografia, a menor coisa pode ser um grande assunto.” Estamos diante de uma preocupação com aquilo que acontece na percepção do mundo, com a forma como nós nos aproximamos de algo com uma câmera no olho.

Dentro desse contexto, como um ponto inicial para esses alunos, o percurso das oficinas gerou grande interesse devido à inovação do uso das novas tecnologias em sala de aula como instrumento de estudo para ampliação dos conhecimentos dos jovens. É sem dúvida nenhuma um diferencial para uma abordagem mais incisiva dentro do contexto cultural e histórico da comunidade. O mais prazeroso foi poder produzir vídeos e fotos usando o contexto da comparação da imagem fotográfica com a imagem viva, isso porque, ela normalmente é vista como algo que não é seu e o fazer e o ver fotográfico possibilita um empoderamento simbólico sobre a própria realidade cultural e histórica em que vivem.

Sugestões de leitura

ANDUJAR, Claudia. A vulnerabilidade do ser. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

ASSOULINE, Pierre. Cartier-Bresson – o olhar do século. Porto Alegre: LP&M, 2008.

BARTHES, Roland. A câmara clara. Lisboa: Edições 70, 1980.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria de cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: FERNANDES, Florestan & KOTHE, Flávio. Walter Benjamin. São Paulo: Ática: 1985.

CARTIER-BRESSON, Henri. Tête à tête. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TEIXEIRA, Evandro. Retratos do tempo – 50 anos de fotojornalismo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, Edições de Janeiro, 2015.

4. Reescrita coletiva com pesquisa: o texto como elemento fundamental para o aprendizado da língua⁴

A escola tradicional e conservadora sempre nos ensinou a corrigir todos os erros dos alunos e evitá-los na sala de aula. As intervenções propostas sempre foram baseadas em exercícios mecânicos como cópias, ditados de fixação e treinos ortográficos. Pouco se estudou sobre o que se passa no processo de aquisição da escrita que leva os alunos a cometê-los. Recentemente os estudos de Sociolinguística, Psicolinguística e de Linguística Aplicada ao ensino de Português têm nos ajudado a rever práticas tradicionais de leitura e escrita e pensar novas alternativas de intervenção pedagógica no campo da ortografia, por exemplo.

Assim, do ponto de vista conceitual, a sociolinguística veio a influenciar a ampliação do conceito de língua - de algo fechado, acabado, imutável e cristalizado, para algo aberto, inacabado, mutável e sócio-historicamente em construção.

Decorrentes dessa concepção estão os conceitos de norma e de gramática. A norma define um conjunto de regras de funcionamento de determinada variação linguística. Como a língua sofre variações históricas (no tempo), geográficas (no espaço), sociais (nos homens e mulheres) e discursivas (nela mesma), teremos um conjunto de normas explicando o funcionamento da cada variação linguística, portanto teremos várias normas, calcadas em várias gramáticas, e uma delas é a padrão.

Dentre as normas que mais interferem no trabalho de Ensino de Português, podemos destacar: norma de espaço físico (variação dialetal, decorrentes das diferentes origens geográficas dos alunos), de modalidade (oral e escrita), de situação (formal e informal de comunicação), de discurso (literário, pedagógico, jornalístico, científico, político, jurídico, etc.) e a tão prestigiada norma “padrão”, aquela adotada pelos livros didáticos e prescrita pela gramática.

A compreensão dessas variações e normas que a língua possui traz implicações pedagógicas bastante diferenciadas das resultantes de uma concepção idealista sobre a língua: o compromisso da escola, e em especial do ensino de Português, é o de desenvolver no aluno a consciência destas variações linguísticas e torná-lo um usuário proficiente do maior número possível de normas. Do ponto de vista sociolinguístico, o bom usuário da língua é aquele que conhece e usa muitas variedades e normas, sabendo adequá-las aos seus objetivos, às condições de produção e aos seus interlocutores.

⁴ Texto elaborado por Domingos Barros Nobre e Iaci Sagnori de Mattos. A primeira parte foi baseada e adaptada de NOBRE, Domingos. “Alfabetização: Revisões e Avanços Sobre o Processo de Aquisição da Escrita”, trabalho apresentado na 19ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu. MG. 1996. A segunda parte relata uma experiência didática promovida pela professora Iaci Sagnori de Mattos na E. M. Martim de Sá (Praia do Sono).

Dentro dessa perspectiva a norma “padrão”, “cultura” ou de “prestígio”, deixa de ser a única a ser trabalhada pela escola e imposta às classes populares como a melhor forma de se expressar na língua materna, e passa-se a explorar a língua em todas as suas possibilidades e com as transformações que ela sofre enquanto objeto sociocultural.

O aluno é usuário de uma determinada variação geográfica e social, pertencendo a uma comunidade linguística qualquer. A visão tradicional de língua, entranhada em nossa formação e cultura escolar, privilegia a norma de prestígio, marginalizando as manifestações dialetais “minoritárias”, que fogem do eixo de influência das metrópoles como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, criando o estigma da fala errada e a conclusão equivocada e falaciosa de que o aluno escreve errado porque fala errado.

Outro compromisso da escola é o de respeitar a fala do aluno em seu dialeto de origem e continuar ministrando o ensino da norma de padrão escrita, mostrando a não correspondência entre fala e escrita. A não ministração da norma “padrão” (como querem os “pseudo-construtivistas”) ou a sua imposição (como querem os “puristas”) são posturas que não interessam às classes trabalhadoras. A primeira marginaliza o aluno por mantê-lo sem acesso a níveis superiores de instrução; a segunda o marginaliza por ignorar a sua bagagem linguística, as variações da língua e por impor uma norma rígida e única.

A linguística tem também ajudado bastante a se compreender a natureza dos erros ortográficos cometidos pelos alunos em seus textos, buscando interpretar as hipóteses ortográficas que justificam cada erro. Algumas “taxonomias de erros” já propostas, como a de Oliveira & Nascimento (1990), são boas contribuições nesse sentido, já que ao interpretar os erros quanto à sua natureza linguística os autores sugerem à educadora formas de intervenção mais eficientes para minimizar tais erros, pois partem da compreensão das hipóteses que os fundamentam e não da preocupação em eliminar seu produto (o erro) a qualquer custo.

Neste sentido, usar o texto como unidade privilegiada da língua é um pressuposto básico para um trabalho com o Português, numa perspectiva progressista. Atividades que tomam o texto como referência para o aprendizado da gramática são mais eficazes do que exercícios estruturais com listas de palavras, tais como: coletivos; masculino e feminino; singular e plural; aumentativo e diminutivo; “complete com” ou “siga o modelo”.

Não é necessário, como se supunha, aprender primeiro as regras de funcionamento da língua para depois usar a língua. Aprende-se as regras de funcionamento de uma língua, portanto, sua gramática, usando a própria língua, isto é, produzindo textos. A escrita e reescrita de textos em sala de aula são, portanto, uma atividade didática a ser privilegiada.

Sugestões de atividade para a sala de aula

Três atividades exercitadas no Projeto do “Guia Turístico Local” são paradigmáticas para o aprendizado da língua portuguesa: o “Ditado Coletivo”, o “Ditado Coletivo com Pesquisa” e a “Reescrita Coletiva com Pesquisa”

Atividade 1: Ditado Coletivo

No *Ditado Coletivo* pode-se adotar a lista como a estrutura textual do ditado: as palavras ditadas podem pertencer a um mesmo campo semântico (de mesmos significados) como por exemplo: nomes dos alunos, nomes de animais, times de futebol, etc. A professora inicia a lista ditando as primeiras palavras e a cada palavra ditada faz-se a correção no quadro convidando um aluno para mostrar como escreveu a palavra ditada. O objetivo é se discutir no grupo as hipóteses que os alunos estão formulando sobre a ortografia daquelas palavras. Em seguida, são os alunos que passam a ditar a lista. O objetivo é levantar os conhecimentos ortográficos prévios dos alunos e socializá-los com o grupo.

Atividade 2: Ditado Coletivo com Pesquisa

No *Ditado Coletivo com Pesquisa* o objetivo é estudar um fato lingüístico qualquer que os alunos tenham ainda dificuldade ortográfica e para o qual exista uma regra para ser descoberta por eles. São os erros ortográficos causados por uma hipótese que não coincide com a norma ortográfica, como, por exemplo, o “erro de relação fonema-grafema” (som-letra):

Nesse tipo de erro os alunos constroem inicialmente uma hipótese de que os sons correspondem a uma única letra na grafia, e por essa razão cometem erros do tipo: “cero”, no lugar de “quero”. Isto acontece porque o som /K/ pode ser escrito de três formas – com “C”, em casa; com “K”, em kilo e com “QU”, em quero. Há uma regra para ser descoberta aqui: o som /K/ vai ser escrito com “C” quando for antes de “A”, “O” ou “U”; mas quando for antes de “E” ou de “I”, será escrito com “QU”.

O ditado aqui serve para que os alunos pesquisem essas ocorrências, elaborem listas de palavras onde ela ocorre, comparem as listas do ditado e descubram a regra que as regulamenta. Só assim eles poderão “desmontar” a hipótese inicial e construir uma nova hipótese baseada na regra descoberta. Estas sugestões de ditado servem para todos os casos onde seja possível estabelecer uma regra de funcionamento para a grafia. Todas as listas propostas para esse tipo de ditado devem, portanto, conter uma regra ortográfica que justifique uma ocorrência ou outra: Exemplos: o “ÃO” no final de palavra é tônico (forte), e o “AM” é átono (fraco); o “M” vem sempre antes de “P” e “B”; o “e” quando é tônico se escreve com acento: “é”, e fala-se “é”; mas quando é átono, se escreve sem acento: “e” e vira “i” na fala: (em pente).

Atividade 3: Reescrita coletiva com pesquisa

A *Reescrita Coletiva com Pesquisa* é uma atividade de construção de conhecimentos lingüísticos (gramática) feita a partir do texto do próprio aluno. A professora coloca o texto do aluno no quadro tal como ele o escreveu (com todos os seus erros) e propõe uma reescrita ao lado, parando para analisar as ocorrências gramaticais erradas cometidas. Para cada ocorrência a professora propõe exercícios de análise e reescrita de frases onde se estude a ocorrência selecionada, como: concordância verbal (presente, passado e futuro), colocação pronominal, flexão nominal (número, gênero e grau), colocação dos artigos, adjetivos, enfim, todos os casos de regras gramaticais para a escrita. Os exercícios são “inventados” pela professora a partir do contexto extraído do texto do aluno.

Descrição das atividades realizadas

Um exemplo de atividade de reescrita coletiva realizada para elaboração do Guia Turístico Local foi a do texto principal do guia. A proposta era que os alunos escrevessem um texto descritivo apresentando sua praia e dando algumas indicações que eles julgassem importantes para os visitantes. Aqui tomamos o exemplo realizado na escola da Praia do Sono. Estes são três textos escritos pelos alunos para o Guia, transcritos na íntegra da primeira versão que foi escrita.

Quadro 3: Textos produzidos pelos alunos do 6º ano da E. M. Martim de Sá (Praia do Sono)

Praia do Sono <i>Para chegar na Praia do Sono temos que primeiro passar pelo Condomínio Laranjeiras, ao chegar na rampa temos que pegar o bote passando pelo mas, uns 15 minutos. Chegando na Praia do Sono avistamos uma bela paisagem, mar, montanhas, cachoeiras, bares. Para quem gosta de surf tem muitas ondas e também tem um campo para jogar bola, ou se quiser tem a Praia. Aqui tem varias cachoeiras umas delas é o Poço do Jacare tem 3 pedras para pular, mais recomendo ir com alguém que já conheça a Praia do sono aqui é calmo, tranquilo se você não vai se arrepender.</i>	Praia do Sono <i>Para chegar aqui na Praia do Sono tem que vim de barco, ou trilha. A trilha é leve, muito boa de caminhar, chegando aqui vocês vão encontrar bares, cachoeiras, etc A cachoeira é linda, e muito boa também, aguas claras, puras, e fresca. A praia do sono é sugegada, não tem perigo nenhum. Moro aqui desde que nasci, Gosto muito daqui, e ainda pretendo viver eternamente por que é muito sucegado.</i>	[Praia do Sono] <i>É uma praia grade com ondas para se diveti e treinar o surf bem no final tem o rio que se encontra com o mar e da para subir na pedra e pescar. Ou mergulhar também tem auguns bar tem refeição para saborear e tem açai em alguns tem barcos para passeios tem trilhas para cachoeiras que da para se diverti. e tem a praia que e a divesão que da pra a família ficar no mar pegar sol e anoite tem como fazer uma fogueira e asa um peixe e tocar uma musica.</i>
--	--	--

Cada aluno leu seu texto para a turma e escolhemos alguns dos textos que continham melhores indicações e descrições para trabalharmos juntos na reescrita. Eu (Iaci) selecionei três desses textos escolhidos, mas foram selecionados mais alguns pelos alunos. Passamos estes textos então para o quadro, para que cada um pudesse observar se faria alguma sugestão. Cada aluno que

propunha uma correção ia ao quadro e explicava a alteração sugerida. A princípio todos estavam muito constrangidos de alterar o texto do colega. Algumas correções vieram dos próprios autores que, ao verem seu texto escrito no quadro e relerem com atenção, percebiam como poderia melhorar. Com o tempo outros alunos se sentiram à vontade para participar.

Na aula seguinte apresentei rapidamente alguns trechos selecionados dos textos dos alunos em que eles não observaram o uso da concordância nominal. Sistematizei no quadro com eles algumas regras de concordância prescritas na gramática. Voltamos aos trechos apresentados no início da aula e fizemos as alterações de acordo com as regras estudadas. Entreguei de volta aos alunos seus textos e pedi que cada um observasse o uso das regras estudadas e, se necessário, que fizessem correções.

Alguns alunos sugeriram correções ortográficas nos textos dos colegas. Então pedi que cada aluno que tivesse uma sugestão de correção ortográfica pesquisasse em um dicionário a grafia correta e apresentasse para a turma.

Na terceira aula estudamos juntos o que são *Elementos Coesivos* e seus usos no texto. Separei a turma em grupos. Cada aluno foi sugerindo um trecho dos textos do grupo que deveria entrar no texto final. Acompanhei em cada grupo os recortes que foram sugeridos. Por fim, no quadro fizemos a “costura” do texto final aplicando o que tínhamos estudado sobre coesão textual para que o texto tivesse uma unidade. Assim ficou o texto final, incluído no Guia Turístico:

Praia do Sono

Para chegar na Praia do Sono temos que vir de barco, passando pelo Condomínio Laranjeiras, que leva uns 15 minutos da rampa do condomínio até a praia. Podemos vir de trilha também, a caminhada é leve, a trilha é limpa e muito bonita, demora em torno de 1 hora. Chegando na praia avistamos uma bela paisagem, mar, montanhas, muitas arvores, e pássaros.

No Sono você encontra bares, restaurantes, mercearias, pousadas, chalés, campings...

Para pessoas que gostam de natureza, cachoeiras, e praia aqui é o lugar ideal.

É uma praia grande, com ondas para se divertir e treinar o surf, mas o mar daqui é bem inconstante, ele não é sempre calmo, nem sempre agitado... tem lá suas fases. Podemos dizer que no verão ele é mais tranquilo, e no inverno é mais agitado, melhor para pegar onda. No final da praia tem o rio que se encontra com o mar, águas limpas para mergulhar e tem algumas pedras boas para pescar. Tem várias cachoeiras, uma delas é o Poço do Jacaré, que é lindo, com águas claras, puras e frescas e tem 3 pedras para pular, mas recomendo ir com alguém que conheça.

A praia do Sono é um lugar com muita paz, muita calma, com moradores muito acolhedores e humildes, que gostam muito de conversar. A comunidade é caçara, os homens vivem da pesca e as mulheres produzem bastante artesanato.

À noite o céu fica lindo, você pode fazer uma fogueira, assar um peixe, e tocar uma música.

Moro aqui desde que nasci, e gosto muito daqui, venham para cá, vocês vão adorar!!!

Sugestões de leitura

GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*. Clube de Criação de São Paulo. São Paulo. 1995

_____, *Aprender e Ensinar com Textos dos Alunos*. Cortez. São Paulo. 2011

NOBRE, Domingos. *Alfabetização: Revisões e Avanços Sobre o Processo de Aquisição da Escrita*. trabalho apresentado na 19ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu. MG. 1996

5. Trazendo os saberes da comunidade para dentro da escola⁵

Quando a escola chega à comunidade, o conhecimento trazido para a relação de ensino e aprendizagem deve considerar as diversas formas de conhecimento que estão dispersos nessa comunidade e que habitam seu dia-a-dia. Trazer os saberes das pessoas comuns para dentro da escola é uma forma de aproximar, e não bloquear, as gerações que chegam à escola e aquelas que dela não puderam usufruir.

A cultura caiçara se perpetuou ao longo das gerações através de formas próprias de educação, que não dependeram do espaço formal da escola para se transmitir. Além disso, ao contrário do que o senso comum sobre os conhecimentos tradicionais tende a considerar, as comunidades aprenderam ao longo do tempo e reinventaram suas tradições com a chegada de novas técnicas e saberes. Um exemplo bem notável é o do cerco flutuante, técnica de origem japonesa que chegou ao litoral brasileiro nos anos 1920 e foi apropriada pelos caiçaras em diferentes partes desse litoral, com destaque para as comunidades de Paraty (MONGE, 2008). A preservação e a inovação são duas faces do conhecimento tradicional, uma coisa não exclui a outra.

Ao trazer para a experiência escolar os saberes da comunidade podemos trazer junto não só as habilidades e conhecimentos, mas também o próprio modo não-formal de aprendizagem que de diferentes formas se manifesta na transmissão desses saberes. Explorar os conhecimentos difusos numa comunidade é uma maneira de constatar que o conhecimento é social, depende da interação entre as pessoas e muitas vezes se transmite de forma tácita, através da imitação e da colaboração.

Em nosso projeto, fizemos um levantamento de saberes e práticas da comunidade para serem trazidos para o projeto do Guia Turístico Local. Na Praia do Sono e no Pouso da Cajaíba, a maior parte do interesse turístico comercial é voltado para as belezas naturais cênicas do lugar, mas a riqueza cultural dessas praias é imensa e ainda pouco conhecida dos visitantes de fora.

Foram realizadas então quatro oficinas de saberes da comunidade: duas de bordado (uma em cada praia), uma de cestaria (no Sono) e outra de roça caiçara e agrofloresta (no Pouso). É uma amostra dos conhecimentos locais que podem ser valorizados tanto na educação quanto no turismo de base comunitária. Outras atividades levantadas para possíveis oficinas, não realizadas, foram a contação de histórias, a culinária, a pesca, a construção de embarcações e instrumentos de pesca e a ciranda caiçara.

⁵ Texto elaborado por Licio Monteiro, Iaci Sagnori de Mattos e Nelza Galosse.

Descrição das atividades realizadas

Bordado

O bordado é uma atividade bastante praticada nas comunidades, principalmente na Praia do Sono, que possui um grupo de bordadeiras - "As Bordadeiras do Sono" -, que realizam exposições e comercializam suas obras de arte. No Sono, a oficina foi dada pela bordadeira Mariana Castro (Figura 15) e no Pouso pela bordadeira Oristéia (conhecida como Tetéia) (Figura 16).

A oficina foi trabalhada na perspectiva da pedagogia triangular da Ana Mae Barbosa, que propõe três momentos: sensibilização, reflexão e produção. O momento da sensibilização consistiu na observação de fotografias de trabalhos artísticos com bordado, vistas nos livros ilustrados com bordado, e dos trabalhos originais da bordadeira Mariana, que conduziu a oficina. Durante a sensibilização, ocorreu também o momento da reflexão sobre a linguagem artística do bordado, não só como trabalho manual. O momento da produção se deu logo em seguida, com a orientação da bordadeira.

Os temas escolhidos para o bordado surgiram da leitura de lendas locais, extraídas do livro "Conta um Conto". Os alunos primeiro desenharam a lenda num papel, para que usassem como modelo para o bordado. A bordadeira Mariana ensinou aos alunos como manusear a agulha e a linha e alguns pontos de bordado. Cada aluno escolheu uma lenda para ilustrar e produziu seu próprio bordado. No Pouso, a atividade se iniciou diretamente na produção dos bordados, com a bordadeira Tetéia. Ela chamava os alunos um a um para que aprendessem o bordado, até que todos estivessem iniciado e voltassem a ela para tirar dúvidas e se corrigir. No Sono, uma das coisas interessantes de se registrar foi que depois da oficina alguns alunos sugeriram formar um grupo de bordado na escola, para dar continuidade à prática ao longo do ano.

Cestaria

A cestaria é uma prática que permite construir objetos de uso diário com materiais sustentáveis. Foi trabalhado em sala de aula o problema do lixo e da produção do plástico, com seus impactos ambientais. O retorno às práticas tradicionais traz a reflexão sobre outras formas de produzir que não afetam negativamente o meio ambiente. O cipó, ao contrário dos materiais sintéticos, como o plástico, se decompõe naturalmente ao ser descartado. Foi discutido em sala de aula os padrões de consumo da sociedade atual e a responsabilidade que temos com o descarte dos materiais.

Para fazer cestaria é preciso, em primeiro lugar, ir na mata pegar cipó. Na Praia do Sono, foi seu Norvino quem conduziu a oficina, e no dia anterior levou a professora Iaci e o professor Dalton para a coleta do cipó (Figuras 17 e 18). Os alunos não acompanharam, pois o local da coleta é

conhecido por ter muitas cobras. Mas no dia seguinte lá estavam os cipós para serem trabalhados na oficina.

A primeira parte da oficina consistiu na preparação do cipó para fazer os cestos: descascar e cortar. Em seguida, o oficineiro orientou sobre como fazer a trama do cipó para produzir um cesto (Figuras 19 e 20). A oficina ocorreu de manhã e de tarde, com a participação dos alunos da escola, dos licenciandos do CEMBRA e dos professores. Ao final da oficina, cada aluno produziu seu próprio cesto.

Roça caiçara e agrofloresta

A roça de subsistência é uma das características típicas da cultura caiçara. De origem indígena, a prática da "roça de toco ou de coivara" é baseada na derrubada e na queima da mata, seguida do pousio para restaurar a fertilidade do solo. Depois de plantar por cerca de três anos e meio, a área é abandonada ao pousio de quatro a cinco anos sem uso, quando ocorre uma sucessão ecológica e aparece a capoeira ou tinguera, isto é, a mata secundária. Após esse período, com a fertilidade recuperada, o processo de queima - cultivo - pousio pode recomeçar. O mais comum é o chamado policultivo, com a plantação de mandioca, feijão, guando, inhame, abóbora, milho, dentre outras espécies (Ribeiro; Coelho Netto, 2006). Considerado um sistema auto-sustentável, roça caiçara depende do conhecimento prático sobre a natureza e sua dinâmica, o uso controlado do fogo e os ciclos biogeoquímicos que dão fertilidade ao solo e permitem a recuperação da mata. Esse tipo de agricultura pode ser encontrada ainda em diversas comunidades caiçaras de Paraty.

A agrofloresta e a permacultura, por sua vez, são práticas assimiladas mais recentemente, mas que vieram a se ajustar muito bem ao modo de vida caiçara, pois permitem unir produção agrícola e conservação dos ecossistemas. Em vez do uso do fogo, o manejo é feito com uma roçada seletiva, desbastes e podas, juntando as folhagens nos pés das árvores. As copas de árvores mais altas protegem o solo da chuva e o acréscimo de matéria orgânica enriquece o solo, fortalecendo a vegetação (Marotta; Soares, 2016). Assim como na roça caiçara é feito o policultivo.

A Península da Juatinga é um lugar especial para conhecer sistemas agroecológicos. Os alunos do Pouso da Cajaíba subiram uma trilha de 30 minutos até a casa da Margareti, situada próxima a um mirante com uma linda vista do mar. Lá puderam observar e ouvir contar sobre uma típica roça caiçara (Figura 21), com muita plantação de mandioca e um casa de farinha, afinal a farinha é a base da alimentação dos caiçaras. Margareti explicou a maneira como a mandioca é plantada em leirões: a terra é revolvida e adubada com restos orgânicos, daí se planta a mandioca, que não necessita de muita manutenção, é um ramo adaptado ao clima e ao solo local, precisa de sol, sempre se reproduz, só precisa limpar. O policultivo pode ser lá observado com plantio de feijão, abacaxi, cana-de-açúcar e batata doce, mamão, palmito, etc (Figura 22).

Num bate-papo com os alunos, foi feita a comparação entre a roça tradicional e a permacultura moderna, uma vez que os alunos já haviam visitado no ano anterior, no Projeto "Cultura Caiçara", a agrofloresta do seu Altamiro, na Praia Grande de Cajaíba, e o Instituto de Permacultura e Educação Caiçara (IPECA), organizado pelo Francisco Ticote, no Pouso da Cajaíba, onde é possível observar técnicas de agrofloresta e permacultura que se combinaram à roça tradicional. No quintal do Ticote os alunos conheceram formas sustentáveis de bioconstrução e agricultura. Já na agrofloresta do seu Altamiro, para onde foram de barco, conheceram a casa de farinha, as áreas de roça antes e depois da agrofloresta, com árvores plantadas no meio da roça, o que aconteceu em volta do quintal, o uso de ervas para fazer o controle biológico contra as formigas. Nas duas atividades os alunos puderam ouvir a palestra e vivenciar os espaços, em momentos de grande interação social.

Com as visitas já realizadas no Ticote e no seu Altamiro, a visita à roça da Margareti completou de forma bem adequada o ciclo de estudos sobre agroecologia, transitando entre os projetos "Cultura Caiçara" e "Guia Turístico Local". No caso da Margarete, o olhar foi direcionado para pensar a possibilidade do espaço de vida caiçara como um ponto de interesse turístico. Então a ideia foi observar a roça caiçara relacionada à paisagem vista do mirante e aos lanches e refeições preparados por Margarete. A atividade foi combinada com a oficina de fotografia, para aproveitar o registro da roça e do mirante. Ao final da atividade foi feita uma dinâmica com os alunos para refletir sobre o que haviam aprendido, a importância da agricultura e as diferentes formas de se plantar.

Sugestões de atividade para a sala de aula

Atividade 1: Conhecendo a comunidade.

Quais são os trabalhos existentes em sua comunidade? Quais artes as pessoas mais velhas produzem? Que habilidades técnicas podem ser encontradas entre as pessoas do lugar onde você mora? Os conhecimentos vão muito além daquilo que pode ser transmitido dentro de uma sala de aula. Se você procurar bem saberá encontrar em sua comunidade diversos trabalhos, artes e habilidades técnicas dispersas entre as pessoas do entorno da escola. Uma boa forma de trazer esses conhecimentos para dentro da escola seria requisitar aos alunos que fizessem uma pesquisa, através de uma entrevista com moradores locais, a ser apresentada em sala de aula.

A primeira etapa é identificar as pessoas da comunidade que se destaquem por conhecimentos específicos. A segunda etapa inclui a preparação para a entrevista, com a organização de algumas perguntas para guiar a conversa. Tirar fotografias e trazer objetos e obras relacionadas aos trabalhos e às artes praticadas pelo entrevistado é muito interessante para complementar as informações. Outro assunto importante a ser trazido na entrevista é a maneira como esse mestre ou

essa mestra aprendeu seu ofício, sua arte. Por fim, o resultado da pesquisa deve ser compartilhado em sala de aula, através de apresentação e/ou exposição. Se a entrevista e a apresentação forem bem sucedidas, podem engendrar novas atividades.

Atividade 2: *Matéria em transformação.*

Vários dos saberes mapeados na comunidade se referem a habilidades na transformação da matéria: artesanato, culinária, agricultura, dentre outras atividades, dependem de habilidades específicas para manipular materiais. Que tipo de transformações são realizadas nessas atividades? Como elas podem ser analisadas em sala de aula para compreender processos de mudanças físicas, químicas e/ou biológicas? O cesteiro que transforma o cipó, a agricultora que trabalha a roça, o carpinteiro que transforma a madeira, a cozinheira que transforma alimentos, qual a trajetória desses materiais, desde a extração até o sua decomposição, passando pela produção e por seus diversos usos. Que histórias esses materiais podem nos contar sobre os ciclos biogeoquímicos, as relações de produção, a ocupação dos espaços, seus efeitos sobre o ambiente, as técnicas utilizadas?

Sugestões de leitura

- Marotta, Carolina P. B.; Soares, Tainá M. S. Sistema agroflorestal Praia Grande da Cajuíba, Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, Paraty, RJ., Raízes e Frutos, 2016
- Monge, Ricardo Papu Martins. Pesca com rede de cerco flutuante na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), município de Paraty, (RJ). Trabalho de Conclusão de Curso, Ciências Biológicas, UFF, Niterói, RJ : [s.n.], 2008
- Oliveira, Rogério R. de; Coelho Netto, Anna Luiza. O rastro do homem na floresta: a construção da paisagem da Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (Ilha Grande, RJ) a partir das intervenções antrópicas. In: R. M. Prado (Org). Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. Rio de Janeiro: Faperj/ Eduerj/ Garamond, 2006
- Raízes e Frutos. Memórias e práticas caiçaras na Península da Juatinga. Projeto de Extensão Universitária da UFRJ Raízes e Frutos: uma vivência nas comunidades caiçaras da Península da Juatinga, 2016 (Disponível nas bibliotecas das escolas do Sono e do Pousa)

6. A pesquisa da realidade local: tratamento da informação em números, gráficos e textos⁶

Fazer pesquisa de uma situação local, apreensível no entorno imediato dos alunos, permite explorar duas estratégias bastante frutíferas para o ensino em projetos diferenciados: a aprendizagem significativa e a aprendizagem baseada em resolução de problemas. A atividade de pesquisa realizada nesse projeto buscou conhecer o perfil do turista que frequenta as praias do Sono e do Pouso da Cajaíba. É uma atividade que abre possibilidades de trabalhar o tratamento das informações em diferentes meios de representação.

A aprendizagem significativa é o conceito fundamental da teoria de Ausubel. As condições para sua ocorrência, em situação de ensino-aprendizagem, são, segundo Moreira (2006): a predisposição para aprender e a existência de materiais potencialmente significativos. Esta condição, por sua vez, implica que esses materiais tenham significado lógico e o aprendiz tenha conhecimentos prévios adequados para transformar o lógico em psicológico. Isso significa que o aluno possa fazer alguma relação do que está sendo apresentado, como algo que ele já conheça, tenha ouvido falar, enfim, que ele consiga estabelecer alguma conexão na rede de conhecimentos. Entendemos que trabalhar temas geradores, extraídos da realidade local do educando, pode facilitar o aprendizado mais significativo, portanto, socialmente referenciado. Situações a serem resolvidas e pesquisas a serem feitas podem facilitar esse processo cognitivo.

A colocação de uma situação a ser resolvida incorpora também alguns elementos da chamada aprendizagem baseada em resolução de problemas, método de inspiração deweyana desenvolvido nos anos 1960 no Canadá e apropriado em diversas disciplinas e níveis de ensino desde então. Alguns princípios dessa metodologia de aprendizagem foram resumidos por Jerusa de Moraes (2010): o conhecimento deve ser produzido a partir da realidade; a construção do conhecimento é um processo social; a aprendizagem é construção de novos conhecimentos, e não mera recepção; e, por fim, a escola deve estimular os alunos a investigarem a realidade.

No caso dessa pesquisa feita pelos alunos, a situação-problema é colocada pelas perguntas: quem são os turistas que frequentam nossa praia? Como o conhecimento sobre o perfil desses turistas pode orientar novas iniciativas para melhoria do turismo, numa perspectiva de base comunitária? O que os alunos fizeram, a partir das perguntas, é um exercício do que poderia ser uma pesquisa mais ampla, realizada em diferentes períodos do ano para conhecer a diferença sazonal do perfil do turista, a evolução do turismo ao longo dos anos, as necessidades de melhoria e o potencial local para a organização de um turismo de base comunitária.

⁶ Texto elaborado por Lício Monteiro, André Barros e Domingos Barros Nobre.

Na atividade de pesquisa aqui proposta, o principal conteúdo desenvolvido é o tratamento da informação, um dos conceitos integradores da área de matemática. Hoje em dia, a produção e a circulação de informações têm ganhado uma centralidade na dinâmica da vida social. Ao mesmo tempo em que a velocidade e o volume de informações crescem de forma exponencial, nossa capacidade de manejar os dados mais básicos de nossa realidade imediata tem sido bastante limitada. Explorar as diferentes etapas da produção da informação, através do processamento e da síntese, processos que transformam dados em informações e informações em conhecimento, é um desafio fundamental para ser trazido para dentro da sala de aula.

Por fim, a representação da informação coloca em evidência a questão da linguagem. Aqui é importante explorar as maneiras de transitar entre diferentes linguagens, seja a linguagem matemática, a gráfica e a escrita, permitindo que os alunos percebam os diferentes ganhos de entendimento e as funções que cada linguagem traz e agrega.

Turismo de Base Comunitária e Educação

Atualmente, vem sendo discutido pelas lideranças comunitárias da região a necessidade de consolidar o turismo de base comunitária (TBC). Um dos diferenciais dessa modalidade de turismo está justamente no contato com o modo de vida da comunidade experimentando e presenciando os hábitos e sabedorias locais em uma relação dialógica com os visitantes (SANZOLO; BURSZTYN, 2009). A valorização dos aspectos que representam a identidade dessas comunidades contribui para a manutenção dos seus aspectos histórico-culturais e colabora para reforçar os seus laços identitários e de pertencimento com os territórios. Conseqüentemente, o fortalecimento da identidade com o território oferece maior possibilidade de predeterminar objetivos e estratégias que partam do próprio grupo. (POLLICEA, 2010).

Outro importante aspecto relacionado à proposta de turismo de base comunitária é a organização/controlado dos próprios comunitários na gestão do turismo praticado em seus territórios em todas as etapas da elaboração e execução da atividade (FABRINO, 2013). Segundo Irving (2009), o protagonismo social só é efetivado quando o ator social se reconhece como agente do processo de construção da realidade e da dinâmica de desenvolvimento. Neste caso, “poder endógeno” depende do “saber endógeno” (p.113) ou seja, do conhecimento sobre a própria realidade. Dessa forma a metodologia de trabalho que está sendo executada na implantação dos Anos Finais do Ensino Fundamental nas comunidades do Pouso da Cajaíba e da Praia do Sono tem contribuído para que os alunos se sintam sujeitos ao estimular a participação de alunos, como ocorreu na construção do guia turístico.

Descrição das atividades realizadas

A atividade sobre o "perfil do turista" teve a finalidade de conhecer melhor o público que visita as comunidades do Pouso da Cajaíba e da Praia do Sono e trabalhar o processamento da informação, produzindo gráficos e textos. Essa atividade se desdobrou em diversas etapas.

A primeira etapa foi a elaboração de um questionário para ser aplicado pelos alunos durante o período do Carnaval de 2017. Como as aulas tiveram início em fevereiro de 2017, algumas semanas antes do Carnaval, aproveitamos as semanas anteriores para elaborar o questionário e preparar com os alunos a dinâmica da aplicação dos questionários. O questionário foi feito pelos professores e assessores pedagógicos, mas com maior tempo de trabalho poderia ter sido trabalhado com os próprios alunos em sala de aula, para que incorporasse algumas de suas curiosidades.

Ao levantar as informações coletadas pelo questionário, os alunos podem ser capazes de refletir sobre as estratégias potencialmente utilizadas para aumentar a qualidade dos serviços prestados e, conseqüentemente, as opções de geração de renda para a comunidade. Essa questão pode ser colocado em debate com os alunos: por que fazer uma pesquisa?

O questionário continha perguntas sobre o perfil do turista (origem, idade, sexo, etc.) e questões que dão pistas sobre as atividades turísticas na praia e suas potenciais demandas, tratando de temas como transporte, hospedagem, alimentação e comunicação. Além disso, foram acrescentadas perguntas para sondar o conhecimento e o interesse dos visitantes sobre as opções de passeio pela região, a história, a cultura e os saberes da população local (oficinas e vivências relacionadas a bioconstrução, a agrofloresta, a pesca artesanal, confecção de cestas e produtos artesanais, entre outras), considerando que todas essas atividades podem ser interessantes para a construção de um roteiro que valorize os aspectos históricos e culturais da comunidade, como propõe a ideia de turismo de base comunitária (TBC).

Depois de os professores apresentarem o questionário para os alunos em sala de aula, foi dada a tarefa de cada aluno aplicar um certo número de questionários aos turistas durante o Carnaval. A própria aplicação já consiste, por si só, numa atividade didática para os alunos, que os estimula a experimentar o recurso à entrevista e faz com que se exponham diante dos desconhecidos turistas. A aplicação é um momento importante no encadeamento das etapas de tratamento da informação. Quando os alunos virem o resultado final, em números, tabelas e gráficos, a ponte entre a experiência concreta da produção da informação e sua representação abstrata pode vir a se construir.

Levando em consideração que o público que frequenta as comunidades do Pouso da Cajaíba e da Praia do Sono durante a alta temporada do turismo é muito distinto do público da baixa temporada, seria interessante que a mesma pesquisa fosse realizada em outras datas de forma que esta diferença também possa ser analisada.

A segunda etapa da atividade foi o tratamento da informação. Aqui os questionários todos reunidos foram utilizados de duas formas. Uma primeira foi a contagem das respostas e a produção em papel milimetrado de gráficos pictóricos, gráficos de barra e gráficos de pizza (Figuras 23, 24 e 25). De forma manual, os alunos aprenderam a converter as respostas em números, e os números em gráficos. Uma segunda atividade foi a leitura e a interpretação dos dados tabulados e transformados em gráficos no Excel (Figuras 27 e 28). Esse tratamento digital dos dados foi feito pela equipe de assessoria pedagógica, pois não havia disponibilidade de computadores para realizar a atividade em sala de aula, como teria sido mais interessante. Mas de posse dos gráficos impressos, foi possível exercitar com os alunos a interpretação de diversos tipos de informação: dados quantitativos e qualitativos, noções de totalidade e maioria absoluta e relativa, porcentagem, etc.

A terceira etapa consistiu na produção textual. O objetivo era transformar a informação numérica e gráfica em textos. A turma foi dividida em grupos, cada grupo fez uma frase descrevendo um dos gráficos produzidos em Excel a partir das perguntas do questionário. Agregando todas as frases era possível montar um texto narrativo sobre as características dos turistas e suas atividades (Figura 28). Aqui foram explorados os recursos discursivos para enriquecer o texto com a tradução de dados quantitativos em frases variadas como "A maioria dos turistas prefere...", "Todos os turistas optam por...", "As atrações preferidas são...", com o objetivo de melhor embasar a descrição.

Sugestões de atividade para a sala de aula

Atividade 1: Comparando universos de pesquisa

Os resultados de um questionário aplicado no universo local (comunidade, turistas) pode ser comparado com levantamentos feitos em outros níveis. Se a pesquisa fosse orientada para o perfil da comunidade (em vez do perfil dos turistas), o resultado poderia ser comparado com os dados estatísticos disponíveis para a cidade, o estado ou o país. Então o exercício de comparar os diferentes universos de pesquisa permitiria comparar dados de algumas dezenas de entrevistados (diretamente pelos alunos e alunas) com dados de milhares ou até milhões de pessoas (recenseados pelo IBGE). As atividades podem explorar o que há de comum e de diferente nos diferentes conjuntos populacionais. Nessa comparação é importante explorar os dados numéricos e as representações gráficas (barras, linhas, pizza, pirâmide etária, etc.), assim observando os padrões e as especificidades locais.

Atividade 2: Mapeando os turistas

Uma das perguntas do questionário era o local de origem dos turistas que frequentam o Sono e o Pouso. Que tal fazer um mapa identificando esses locais no Brasil? Melhor ainda dar um

passo adiante, representando o número de turistas de cada local com densidade de pontos ou de símbolos (quando cada ponto ou símbolo grafado no mapa equivale a um certo número de turistas) ou com círculos proporcionais (quanto maior o diâmetro do círculo, maior a quantidade de turistas). É uma boa oportunidade para explorar a leitura e a interpretação de mapas que utilizam esses mesmos recursos gráficos.

Atividade 3: *Central comunitária de turismo*

Os alunos devem ser divididos em grupos para “criar” uma agência de turismo e elaborar um roteiro de visita pela comunidade com atividades que revelassem a história, a cultura, os modos de vida e os saberes locais para receber um grupo de estudantes da idade deles interessados em conhecer a comunidade durante 3 dias de visita. Dessa forma os grupos deverão pensar também na estrutura de hospedagem, alimentação e transporte para os turistas durante esses dias, possibilitando assim o envolvimento das diferentes áreas de conhecimento. Após o trabalho concluído cada grupo apresentaria as suas sugestões para a turma.

Referências bibliográficas e sugestões de leitura

- MOREIRA, Marco Antônio. *Aprendizagem Significativa. A Teoria de David Ausubel*. São Paulo: Centauro, 2006
- MORAES, Jerusa Vilhena de. *A alfabetização científica, a resolução de problemas e o exercício da cidadania: uma proposta para o ensino de Geografia*. Tese de Doutorado, USP, 2010. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14062010-103955/pt-br.php> Acesso em 15 mai 2017
- FABRINO, N. H. *Turismo de Base Comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília, 2013
- IRVING, M. A. "Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária inovar é possível?" In: Roberto Bartholo et al (org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009
- POLLICEA, F. *O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local*. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, 2010
- SANSOLO, D. G. BURSZTYN, I. "Turismo de base comunitária potencialidade no espaço rural brasileiro". In: Roberto Bartholo et al (org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009

Índice das ilustrações

Figura 1: Desenho da Praia do Sono, identificando caminho entre casa e escola, produzido por uma aluna durante aula do prof. Marlon, 2016

Figura 2: Desenho da Praia do Sono, produzido por duas alunas durante aula do prof. Marlon, 2016

Figura 3: Desenho da Praia do Sono, produzido por um aluno, realizado durante aula do prof. Marlon, 2016

Figura 4: Atividade de produção do croqui coletivo feitos por alunos/as na Praia do Sono durante oficina de cartografia social, conduzida pela profa. Mara Edilara e bolsistas do IEAR/UFF, 2017

Figura 5: Croqui coletivo feito pelos/as alunos/as do Pouso da Cajaíba, 2017

Figura 6: Atividade de identificação dos pontos de referência na imagem do Google Earth, durante oficina de cartografia social no Pouso da Cajaíba, conduzida pela profa. Mara Edilara e bolsistas do IEAR/UFF com os/as alunos/as, 2016

Figura 7: Mapa final do Guia Turístico Local do Pouso da Cajaíba, após diagramação, 2017

Figura 8: Atividade da oficina de fotografia com a fotógrafa Rita Rocha, em ambiente interno, Pouso da Cajaíba, 2016

Figura 9: Atividade da oficina de fotografia com a fotógrafa Rita Rocha, em ambiente externo, Pouso da Cajaíba, 2016

Figura 10: Tema arquitetura: uma casa na Praia do Sono, 2016

Figura 11: Tema paisagem: praia da Toca do Carro, 2017

Figura 12: Tema natureza morta: bordado na Praia do Sono, 2017

Figura 13: Tema retrato: um pescador e sua rede na Praia do Sono, 2017

Figura 14: Tema esporte: prática de caiaque na Praia do Sono, 2017

Figura 15: Oficina de bordado na Praia do Sono, com bordadeira Mariana, profa. Iaci, prof. Dalton, alunas e alunos, 2017

Figura 16: Oficina de bordado no Pouso da Cajaíba, com bordadeira Tetéia, alunas e alunos, 2017

Figura 17: Coleta do cipó para oficina de cestaria com Seu Norvino e prof. Dalton, Praia do Sono, 2017

Figura 18: Resultado da coleta do cipó para oficina de cestaria com Seu Norvino e profa. Iaci, Praia do Sono, 2017

Figura 19: Atividade da oficina de cestaria conduzida pelo Seu Norvino, na Praia do Sono, 2017

Figura 20: Atividade da oficina de cestaria conduzida pelo Seu Norvino, na Praia do Sono, 2017

Figura 21: Visita à roça da Margareti, no Pouso da Cajaíba, com Margareti, Ticote, profa. Nelza, alunas e alunos, 2017

Figura 22: Horta da Margareti, no Pouso da Cajaíba, 2017

Figura 23: Exemplo de gráfico pictórico, produzido pelos/as alunos/as da Praia do Sono, a partir da pesquisa do perfil do turista, 2017

Figura 24: Exemplo de gráfico em barra, produzido pelos/as alunos/as da Praia do Sono, a partir da pesquisa do perfil do turista, 2017

Figura 25: Exemplo de gráfico de pizza, produzido pelos/as alunos/as do Pouso da Cajaíba, a partir da pesquisa do perfil do turista, 2017

Figura 26: Redação produzida coletivamente a partir da leitura e interpretação dos gráficos produzidos em Excel a partir da pesquisa do perfil do turista na Praia do Sono, 2017

Figura 27: Gráfico: temas de interesse dos turistas para participar de vivências/oficinas no Pouso da Cajaíba, Pesquisa do Perfil do Turista, Carnaval de 2017

Figura 28: Gráfico: Como se alimenta o turista na Praia do Sono, Pesquisa do Perfil do Turista, Carnaval de 2017

Oficina de Cartografia Social - 2016/2017



CARTOGRAFIA SOCIAL DOS PONTOS TURÍSTICOS DO POUSO DA CAJAÍBA - 2017



LAZER E PONTOS ATRATIVOS		INFRAESTRUTURA	
Mirante Pedra Frutada	Início Trilha Martin de Sá	Campo	Igreja
Pedras das Araras	Início Trilha Itanema	Casa da Margarethi	Posto de Saúde
Caizinho	Trilhas	Escola	ZONA
Toca do Carro	Baleia	Casa de Farinha da Margarethi	Campings, Pousadas, Bares e Restaurantes
		IPECA	
		Ponto de Cultura	

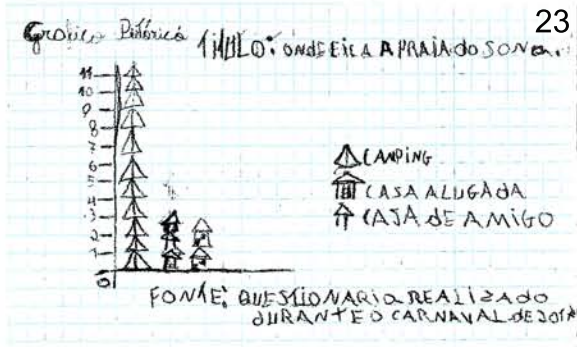
Oficina de Fotografia - 2016/2017



Oficinas de Saberes Tradicionais - 2017



Pesquisa do Perfil do Turista - 2017



O perfil dos turistas da Praia do Sono durante o Carnaval.

No carnaval de 2017 vieram a Praia do Sono turistas para curtir a bela natureza que existe em nossa comunidade.

A maioria preferiram ir pela ilha, por serem muitos os predadores e até mesmo substituíram para receber muitos como visitantes.

A maioria hoste dos visitantes foram do Rio de Janeiro para passar o final de semana com seus familiares.

Eles buscaram da Praia do Sono novos amigos que aqui já conheciam.

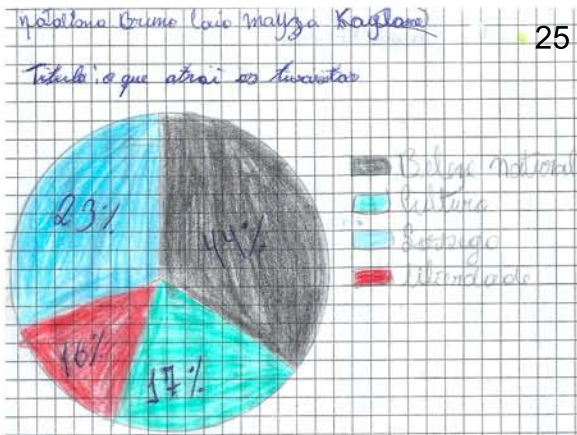
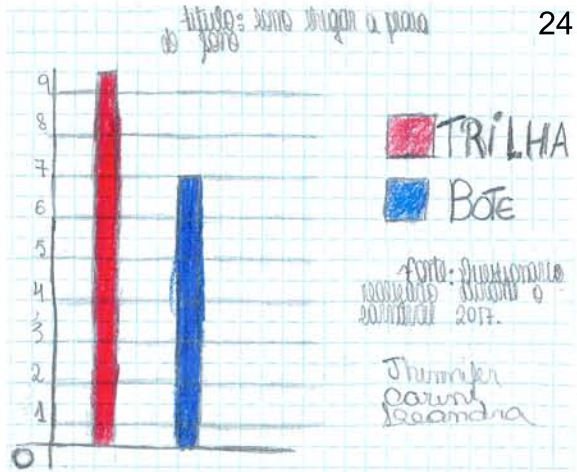
A procura de paz e sossego eles costumam ficar em camping e saboreiam pratos típicos como o pirão, o peixe frito ou assado e frutos do mar.

Para que eles conheçam melhor nossa comunidade, eles gostariam de contratar um guia para orientá-los durante seu passeio.

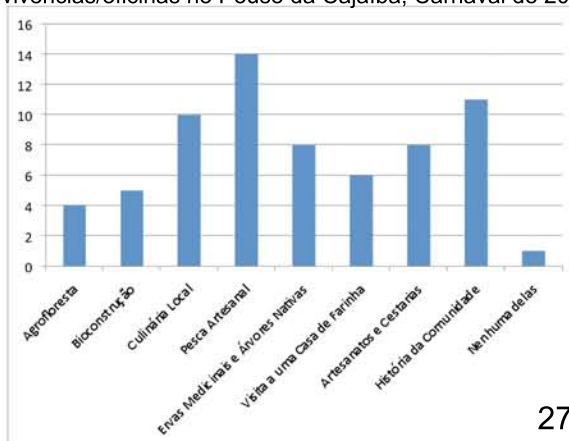
A noite, nos feriados acontecem alguns shows nos bares que ficam próximos a Praia.

Além dos bares na Praia do Sono, temos cachoeiras e os mirantes que todos gostam de ir para apreciar a bela paisagem.

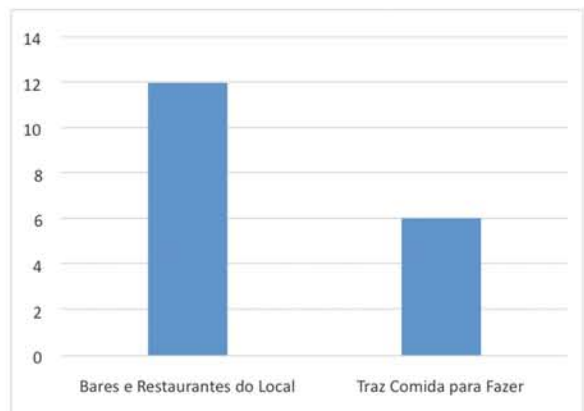
Quando chega a hora de ir embora eles costumam levar para suas casas lembranças e fotos para postar no facebook. 26

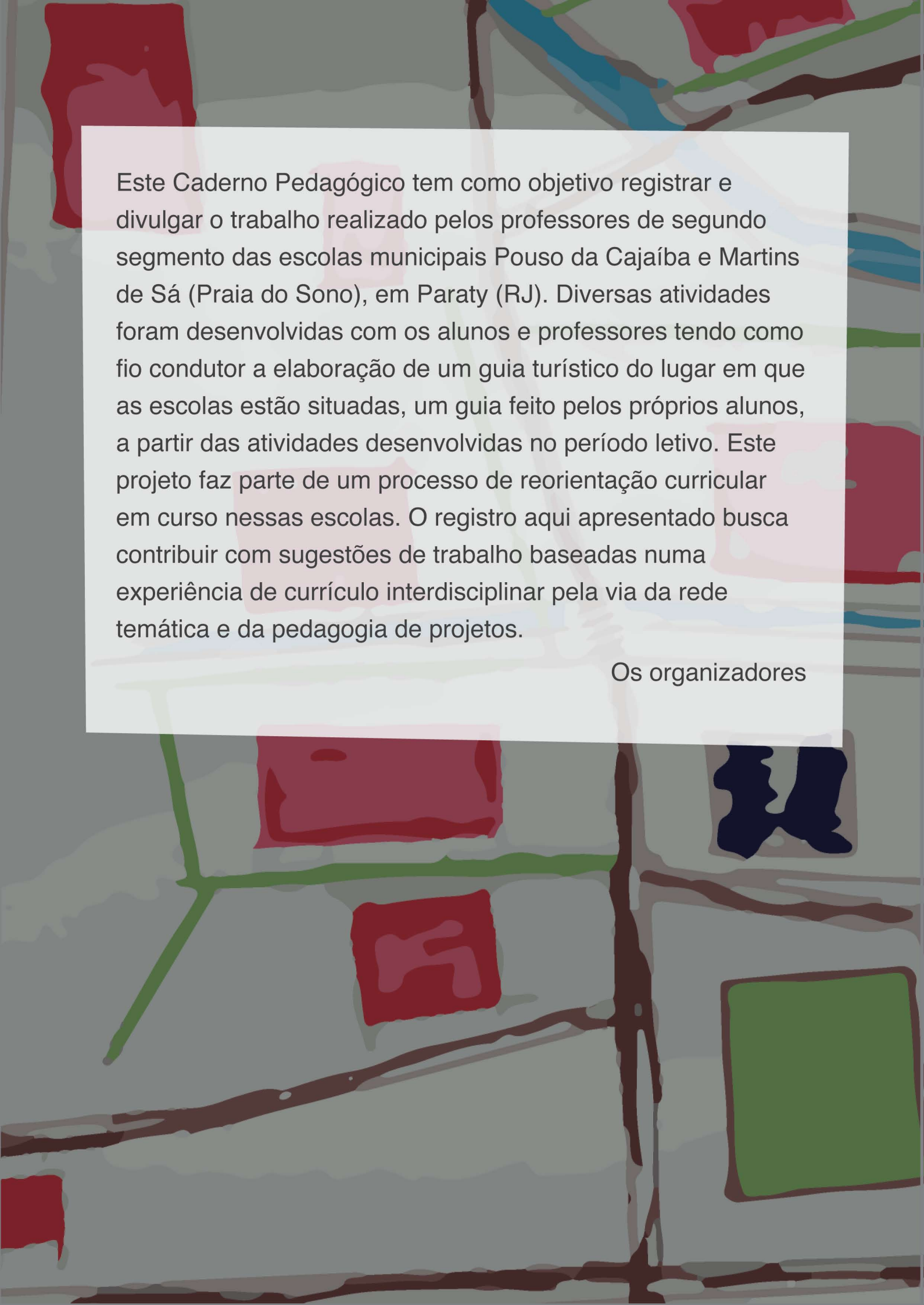


Temas de interesse dos turistas para participarem de vivências/oficinas no Pouso da Cajaíba, Carnaval de 2017



Como se alimenta o turista na Praia do Sono, Pesquisa do Perfil do Turista, Carnaval de 2017



The background of the page is an abstract, painterly composition. It features a greyish-blue base with various organic shapes and lines in shades of red, green, brown, and blue. Some shapes resemble stylized leaves or petals, while others are more geometric. The overall effect is that of a textured, hand-painted surface.

Este Caderno Pedagógico tem como objetivo registrar e divulgar o trabalho realizado pelos professores de segundo segmento das escolas municipais Pouso da Cajaíba e Martins de Sá (Praia do Sono), em Paraty (RJ). Diversas atividades foram desenvolvidas com os alunos e professores tendo como fio condutor a elaboração de um guia turístico do lugar em que as escolas estão situadas, um guia feito pelos próprios alunos, a partir das atividades desenvolvidas no período letivo. Este projeto faz parte de um processo de reorientação curricular em curso nessas escolas. O registro aqui apresentado busca contribuir com sugestões de trabalho baseadas numa experiência de currículo interdisciplinar pela via da rede temática e da pedagogia de projetos.

Os organizadores